

ADOLFO MONTEJO NAVAS

As imagens – as coisas visuais – são sempre já lugares: elas só aparecem como paradoxos em atos nos quais as coordenadas espaciais se rompem, *se abrem* a nós e acabam por se abrir em nós, para nos abrir e com isso nos incorporar.

GEORGES DIDI-HUBERMAN

## Anna Bella Geiger – uma poética em arquipélago (aproximações)

A menos que consideremos a obra de uma artista como uma trajetória exclusivamente aliada ao conceito de progresso – essa aposta cega do Ocidente que já mereceu os piores vaticídios –, deve-se reconhecer que toda poética artística repousa mais na soma ativa de seus olhares, de suas leituras, na exploração de matrizes que são quase obsessões (e que, como um objeto lançado à água, não deixam de produzir suas ondas e reverberações) do que no itinerário vertiginoso de surpresas e novidades ao gosto do consumo mais mercadológico. Nesse sentido, poucas obras são tão independentes como as de Anna Bella Geiger, que convidam a uma circulação maior de sentidos, a uma aberta exploração de suas camadas mais subterrâneas – muitas delas não completamente desenvolvidas em seu momento –, pois é de praxe muitas vezes alcançar-se uma jazida estética, mas não levá-la às suas últimas consequências expressivas.

Ninguém ignora, a essas alturas, que o conjunto de uma obra com história acabe repotencializado a cada trabalho e que cada nova peça quase inevitavelmente releia outras. Esta relação que se produz em um mesmo *corpus* como um *continuum* atende a cruzamentos, sintonias ou confluências que constroem outros devires na obra da artista; de fato, as mesmas séries – sempre tão consistentes – albergam não só ciclos diversos como amálgamas diferentes de práticas artísticas, vizinhanças fronteiriças, que são mais inclusivas que subtrativas. Assim como também há elementos – quase arquétipos – que aparecem de forma bem diferente em contextos díspares (seja a camuflagem, o vazio ou o mapa, para exemplificar três *figuras* representativas do trabalho da artista), há obras que conseguem estabelecer entre si novas equações. Impossível manter uma ideia de narração no sentido mais clássico, já que esta se vê dinamitada por reaparições e emergência de imagens, mais para uma circularidade que para um destino fixo e imóvel: o que se explica através da visão de afinidades constantes que sabotam a linearidade de qualquer discurso *ad hoc*. As diversas ressonâncias desta obra, seus diferentes ecos, são uma característica medular dela, de sua genealogia; quantas vezes as séries são transversais e possuem o dom da ubiquidade! Daí o grande significado e extensão das onipresentes *Local da ação*, *Pier & Ocean*, *Pata e coluna* ou *Fronteiriços*, sempre mais operativas que fixadoras, seu pleno valor como recurso intertextual da artista, como conexões onipresentes e desenvolvidas na exposição através da organização do seu espaço.

Faz-se, pois, obrigatória em Anna Bella Geiger a escuta atenta das mutações, das variações, das metamorfoses que acabam sendo verdadeiros pilares. Ainda mais quando nos encontramos com uma obra que já é rica em conceitos operativos: *Territórios*, *passagens*, *situações*, *Local da ação* ou *Fronteiriços* são termos que não só reportam, semanticamente, a campos artísticos específicos, como também a toda uma cartografia conceitual de rica simbologia, a uma navegação artística de formas e interesses que não deixam de aparecer de maneira diferente. De fato, esta leitura, consciente de tais

circunstancias, quer atender a uma nova articulação dos “fragmentos”, não em busca de um todo quimérico, mas de uma nova relação entre as partes (cada peça basta-se a si mesma e, no entanto, não é mais do que o interstício de suas vizinhas no arquipélago de formas), o que significa que abriga repertórios e vocabulários à luz de outra ênfase interpretativa.

Alem de uma releitura da obra de Anna Bella Geiger sob a ótica de alguns conceitos fundamentais, que não só alimentam vertentes expressivas como também estabelecem novas relações entre as obras (as geografias do corpo e as cartografias não deixam de ser cosmologias, territórios: a própria pintura não deixa de ser passagem; e as matrizes da poética artística são núcleos simbólicos), qualquer estudo sobre esta poética deve responder a este novo critério vinculante, e de alguma forma funciona como chamados: *Territórios, passagens, situações* são também a descanonização como estéticas estáticas, pois é a transformação fundacional o maior atributo da artista: tudo é, em última instância, *passagem*, tanto os *territórios* estabelecidos e desmistificados como as situações – passagens que respondem diretamente a circunstancias e motivos – já que, como foi apontado, até a própria pintura é considerada um espaço de passagem. Tudo isso convida a contextualizações novas e abertas, que não recorram ao sentido temporal como aliado, muito pelo contrário, pois, se há um sentido cronológico, ele está invertido, quando não simplesmente fragmentado, distante da tradicional análise retrospectiva e convidando a um itinerário diferente. Daí que a obra de Anna Bella Geiger não possa ser pensada nunca em estreitos termos expressivos, e tampouco é superficial reconhecer a forte relação espaço/tempo que nesta obra se manifesta na trabalhada sequência de suas imagens (vários vídeos exploram muito especificamente este campo, acentuando a noção de trânsito).

Passagens, um termo caro a Walter Benjamin, é também prioritário na poética de Anna Bella Geiger, já que ele permite percorrer obra pictórica, vídeos, trabalhos gráficos e toda uma série de formas híbridas (objetos-esculturas, desenho-pintura, fotografia-instalação, vídeo-instalação e gravura) – passagem, paradoxalmente, como uma instância definidora: não só estamos de passagem como somos passagem, fixamos passagens; retorno ao nômade, ao êxodo como uma ideia permanente de exílio, como movimento contínuo, definitivo. A própria terminologia conceitual utilizada pela artista: *Territórios, passagens, situações*, título-referência deste livro, pode ser contemplada também desse ponto de vista.